

## "PEREGRINAÇÕES PELO VELHO MUNDO (1953-1994)", ÚLTIMO LIVRO DE ALVES MOTA SOBRINHO

Antônio de Sousa ARAÚJO

Desde há séculos treinados na feitura de diários de bordo, de roteiros ou livros de navegação ou "de rotear", os portugueses, entre os primeiros dos quais sobressaem Fernão Mendes Pinto com a sua **Peregrinação** ou Fr. Pantaleão de Aveiro com o **Itinerário da Terra Santa**, depressa se consagraram como mestres exímios em literatura de viagens. Mas é sobretudo com a chegada do romantismo que este tipo de literatura atinge um ponto bem alto, cujo paradigma se apresenta nas **Viagens na minha terra**, de Almeida Garrett. E são nomes como os de A. Pedro Lopes de Mendonça, Júlio César Machado, A. A. Teixeira de Vasconcelos, ou Ricardo Guimarães que então se impõem. Mas se nos adentrarmos no realismo, nomes mais ilustres logo aparecem. Bastarão para tanto os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Eça de Queirós, ou Luciano Cordeiro, estes a interessar-se pela França, Inglaterra e Itália, ou Coelho de Carvalho, Anselmo de Andrade já mais voltados para a Espanha, enquanto Frederico Dinis Ayala se debruça sobre o Oriente goês e Adolfo Loureiro ou o Conde de Arnoso se deixam prender pela China, a qual, depois de apaixonar Wenceslau de Moraes se veria suplantada pelos amores com que ele se dedicou ao Japão.

E isto sem esquecer naturalmente nomes como os de Fialho de Almeida e Zeferino Brandão, admiradores da Galiza e da Bélgica, respectivamente, ou os de José Augusto Vieira e mesmo D. Antônio da Costa que tão bem escreveram sobre o Minho, a mais surpreendente das regiões de Portugal.

São significativos autores como Manuel Teixeira Gomes, Raul Brandão, Antero de Figueiredo ou Manuel Ribeiro, aos quais se poderá acrescentar ainda outros como Júlio Dantas, Augusto de Castro, Antônio

Ferro, Hipólito Raposo, Raul Proença, ou ainda os ligados aos climas de África como Brito Camacho, Osório de Oliveira, Carlos Selvagem, Antônio de Cértima, ou J. Paço de Arcos e sem se poder esquecer Ferreira de Castro, o homem da **Selva**, dos **Emigrantes** e de **A volta do mundo**, com obras traduzidas nas línguas mais faladas do mundo. Mas são de reter igualmente nomes que, entre outros, se impuseram com mais ou menos vigor: Abel Salazar, José Crespo, Hugo Rocha, Norberto Lopes, Artur Portela, Urbano Tavares Rodrigues, Vieira de Lemos, Conde de Aurora, Vitorino Nemésio e, porque não Miguel Torga, o diarista e viajor de reinos maravilhosos de Trás-os-Montes e Beiras?

Isto do lado de cá. Porque, passado o Atlântico, rumo às Américas e alhures, outros nomes se têm imposto, através dum género literário, ora patenteado em livros, ora em crônica de periódicos e jornais, o qual tanto se quadra com o tipo de retrato como com o tipo de diário. E isso, exatamente, porque desdobrando-se em múltiplas facetas, acaba por registrar a vida e as paisagens sob os ângulos do realismo ou do subjetivismo, que o mesmo é dizer das impressões, do humor, da ironia ou da sátira, da crítica política e social ou da crítica da arte, da lenda ou da reportagem, da confissão ou da ficção.

\*

Israel Dias Novaes, apresentador brasileiro do presente livro, considera o nosso Autor "um peregrino compulsivo". E confessa ter abordado a presente obra "com certa apreensão". Trata-se da apreensão natural de quem depara com algo de novo e que prudentemente admite a possibilidade do fracasso, da frustração ou do desinteresse. É que parecendo o relato de viagens género aparentemente fácil e ao alcance de qualquer um, na realidade isso é um puro engano. Daí, como o mesmo acentua, os lotes de temerárias aventuras escritas e publicadas, no Brasil, sem qualquer significado ou interesse geral. É que esta literatura atraiçoa os "viajores desaparelhados".

E como diz Massaud Moisés (**Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira**, 861-862. Livr. Figueirinhas, Porto, 1960), a literatura de viagens não é dos principais capítulos da literatura brasileira. Na seqüência do verificado relativamente a séculos anteriores, escreveria assim, este último, referindo-se ao século XIX: "É raro o relato de viagem com valor literário ou escrito com intuítos não meramente científicos". E cita nomes como os de Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, para com Euclides da Cunha assinalar um recrudescimento visível. E, prosseguindo, apontaria

outros nomes como Cid Prado, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Otávio Tavares e Lola de Oliveira, todos estes porém preocupados em descrever a realidade brasileira.

A maior facilidade de comunicações intercontinentais abriria, por outro lado, perspectivas novas aos escritores brasileiros ansiosos de viajar e conhecer a América, a Ásia e o velho continente europeu. Dão conta dessa experiência Alcântara Machado, Guilherme de Almeida, Tabajara de Oliveira, Caio Prado Júnior, entre alguns mais. Por outro lado, manter-se-á relativamente vivo o interesse pelos diários de viagem, como o atestarão os escritos de Érico Veríssimo, Lins do Rego e Graciliano Ramos, estes, de longe os mais conceituados, em finais da década de cinquenta, época já inflacionária quanto a esta moda de literatura.

Entretanto, e desde essa altura, novos nomes se fizeram às letras. E muitos rumaram por entre os escolhos da literatura de viagens. Entre eles conta-se Alves Motta Sobrinho. Principiante, por ocasião de sua primeira viagem à Europa, em 1953, ou seja logo que se deslocou das saias dos professores sebenteiros Faculdade de Direito de São Paulo, prosseguiria o seu crescimento e amadurecimento, ao longo de todos estes anos, que foram muitos, até 1994.

Ora, este seu livro tem uma vantagem. Testemunha uma e outra etapas: a do "adolescente", digamos assim, e a do homem feito nas letras. Se a primeira vinda à Europa, em 1953, foi uma "peregrinação" de solitário inexperiente e a 1958, ainda a das experiências do casal, já as de 1986 em diante transbordam de conteúdo, muito dele acumulado anteriormente, isto é, nas vindas de 1970, 1980, 1983, 1984 e 1985, que o Autor, em plena crise existencial, não teve interesse em descrever.

E dito isto, estamos a ver que não teve Dias Novaes motivos para receios, tanto mais que o nosso Autor é um homem rodado. Além de advogado e fazendeiro, começou a sua vida literária pela imprensa, colaborando, dirigindo e fundando jornais, vindo a creditar-se como ficcionista, biógrafo e historiador do café brasileiro, editor e conferencista. Mas para além disto, há nele uma vocação que a tudo sobrepaira: a do viajante contumaz. Pois diz ele: "Quanto mais se viaja mais se vive, mais se aprende. Civiliza-se". Ou por outra: "Viajar é preciso, e, para mim, vital. Morro se não partir sempre, até à viagem final".

Face à sua angústia existencial, precisa de se sentir ligado por esse cordão umbilical que é a viagem, por um lado ao seu ambiente vale-paraibano e pelo outro à sua pátria terra trasmontana - terra humilde e pedregosa, simultaneamente humus corajoso e hospitaleiro. Ribeiro de Pena, (não dos

castigos, mas da Penha, que o mesmo é dizer dos rijos penedos ou penhascos, símbolos da solidez neste mundo) é esse mítico local de chegada e de partida no seu sonho viajero. É uma das terras donde emergem as suas raízes paternas. Por isso é que nos parece estar a ouvir Torga, quando, em setembro de 1993, na despedida, depois de subir ao platô do cemitério, para ter o panorama geral em torno, desabafou: "Desconheço Campo Santo melhor localizado. De lá os justos parecem tocar os céus, ou estes cobri-los, agasalhando as almas simples e boas".

Além de descendente de trasmontano legítimo e neto de açoriano, que é, Alves Motta Sobrinho assume-se como lusófilo confesso e "lisboeta por adoção", não obstante as arrelias aí, por vezes, experimentadas. Se um Carlos Botelho, pintor, vê e fixa a Lisboa das cores e dos contrastes luminosos, o nosso Autor registra em apontamento e delicia-se com as pombas, o Tejo, os recantos das encostas e colinas; com um Largo da Oliveirinha, ou, se calhar com o imprevisto duma Travessa do Fala-Só. Enquanto viaja ou passeia procura analisar, aspirar, sentir, compreender. Nesta base é que, para ele, "viajar é um aprendizado permanente".

Depois de muito ler no livro do mundo, chegou à conclusão de que "a vida intensa de emoções novas e renovadas passa, pouco deixa, além da saudade". Por isso é que, evitando viver esse mundo, prefere simplesmente viver vendo... "Sou um espectador da vida, aguardando a morte". Viajar com o autor ao longo deste livro é viver e aprender. Por isso, lê-lo é gratificante.

(Braga, 18 de outubro de 1995)